

Segurança de FHC é coisa de cinema

CORREIO BRAZILIENSE

26 JUN 1995

26 JUN 1995

João Júnior

Agora só falta o Palácio do Planalto contratar Clint Eastwood, o astro do cinema norte-americano que viveu um *super-segurança*, disposto a dar a vida para salvar o presidente, no filme *Na Linha de Fogo*, de 1993.

A segurança de Fernando Henrique Cardoso está redobrada e, na ânsia de mostrar serviço, vem produzindo cenas cinematográficas.

O objetivo é evitar a repetição de episódios recentes (**ver texto abaixo**) em que ele ficou exposto a situações que variaram do "perigo real e imediato" ao quase ridículo.

Na ficção, o excesso de cautela de Eastwood produzia cenas cômicas: diante do estouro de um inofensivo balão de gás de uma criança, o veterano agente — traumatizado pelo assassinato de John Kennedy, que ele não conseguira evitar — pensa ter ouvido um tiro e se joga na frente do chefe, derrubando-o e provocando tumulto.

Exagero — Na vida real, o exagero foi incorporado ao cotidiano de Fernando Henrique. Ninguém quer se arriscar.

Na noite da quarta-feira passada, a imprensa esperava a chegada do presidente no bloco J da 202 Norte, onde ele teria um jantar com a bancada do PMDB na Câmara.

Os cinegrafistas e fotógrafos se posicionaram estrategicamente em frente à garagem do prédio, já sabendo que os carros da comitiva entrariam por ali.

Às 21h45, os quatro Ômegas chegaram em disparada. Um na frente e dois atrás do carro onde estava Fernando Henrique.

Para livrar o chefe do incômodo assédio das câmeras, os seguranças do carro da frente abriram as portas e foram arrastando câmeras, microfones e repórteres.

Seguro — Quando os jornalistas conseguiram tirar o material do chão, o presidente já havia entrado na garagem, mais seguro do que nunca. Por pura sorte ninguém ficou machucado.

Desde as 19h, os estacionamentos dos blocos I e J estavam bloqueados pela Polícia Militar. Só autoridades podiam chegar perto.

Havia agentes na portaria do prédio, nos elevadores social e de serviço, na garagem e nas escadas. O jantar seria no primeiro andar, mas até o sexto andar era vigiado.

Ao todo, havia cerca de 60 homens, entre seguranças do Planalto e da Câmara dos Deputados e policiais militares.

O apartamento do anfitrião, deputado João Henrique (PMDB-PI), teve as portas de entrada e saída guardadas pelos agentes. Sé entrava quem estava na lista de convidados, entregue previamente à segurança.